

ESTADO DO AMAZONAS

DISCURSO

PROFERIDO PELO

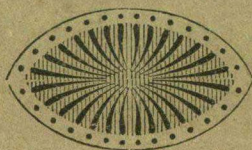
PROFESSOR AGNELLO BITTENCOURT

• Director Geral da Instrução Publica

EXPOSIÇÃO ESCOLAR

REALISADA A 21 DE NOVEMBRO DE 1912

Cat. s/nivers



MANAOS — AMAZONAS

SECCÃO DE OBRAS DA IMPRENSA OFFICIAL

97 — Rua Municipal — 97

1912

1942 Comp

ESTADO DO AMAZONAS

DISCURSO

PROFERIDO PELO

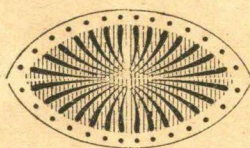
PROFESSOR AGNELLO BITTENCOURT

Director Geral da Instrucção Publica

POR OCCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DA

EXPOSIÇÃO ESCOLAR

REALISADA A 21 DE NOVEMBRO DE 1912



MANÁOS — AMAZONAS

SECÇÃO DE OBRAS DA IMPRENSA OFFICIAL
97—Rua Municipal—97

1912

1942
Cmp

AnnM
0367
lx.2

rel-39592-2068



Exm. Sr. Coronel Governador do Estado

Exmas. Senhoras

Meus Senhores :

E' agradável, no meio do marulhar tempestuoso das paixões politicas que assolam os recantos do nosso paiz; quando a exaltação dos animos vae até á loucura no afan de triumphar, sem ter em conta a fragilidade de suas armas de combate, nem o valor dos inimigos; quando nessa guerra de interesses pessoaes entre irmãos, se esquecem os sentimentos affectivos e o respeito que devemos á epoca em que vivemos, epoca de agitação sem par; quando o analphabetismo e a fome vão campeando céleres nos centros populosos desta grande terra, provocando já o horror a todos os bons brasileiros, que lamentam a hecatombe dessa desorganisação em que se perdem tantas energias; quando, finalmente, nos chegam aos ouvidos os rumores do progresso dos nossos vizinhos do sul e ao mesmo tempo os gemidos da ignorancia e da desordem patria, é agradável, senhores, assistir a uma festa do ensino, festa que nos vêm tirar por um momento as acerbas preocupações do nosso espirito.

E ella é, além disso, a esperanza, o alento de dias melhores, pois ninguem negará que é na instrucção popular, de mistura com os principios de civismo, que está o balsamo do grande mal que nos afflige.

E' força reconhecer hoje que o Brasil se fez apressado na conquista dos seus direitos politicos, entrando na posse de um regimen para o qual ainda não estava preparado.

Como uma criança que ensaiasse os primeiros passos, mais vacilantes que seguros, o povo brasileiro prematuramente fez-se adulto e sem a experiencia dos factos, nem a previdencia dos acontecimentos, eil-o de erro em erro, tacteando nas trevas, minado pelo partidario interesseiro de uma autocracia dona da nossa vontade, senhora da nossa soberania e até tutora das nossas acções. E porque ?

Confrange-nos dizel-o, mas nós o sentimos: somos em maioria um povo de analphabetos para quem a luz tonificante do sol da civilização apenas nos chega como atravez de um espesso crivo.

Raios esparsos não conduzem o preciso calor, nem podem dissipar as nevoas que pairam sob o nosso ainda restricto entendimento.

No emtanto, gostamos de ser livres como o «passarinho que, solto, bate as azas e canta». (1)

«Mas, não basta somente o amor da liberdade.

Nos governos livres o povo todo é chamado a realizar por si a propria vida politica. Sem a instrução do povo não pode haver cidadãos conscios dos seus direitos e deveres; a liberdade será apenas a estatua da formosa deusa.» (2)

Certo, quando os homens são simplesmente um bando de Panurgio, os excessos sobrevêm á orgia social, ao uso immoderado das regalias democraticas, pela falta de educação civica.

Para tudo, na ordem politica, deve haver oportunidade, afim de serem evitadas as convulsões que abalam os paizes novos até os seus fundamentos ainda frageis, como tem succedido ás jovens republicas que Simão Bolivar emancipou tão cedo. (3)

A forma federativa, a mais bella realização das tendencias evolucionistas da politica moderna, não póde ser usada por um povo ainda na infancia da sua civilização, sob pena de transvio e morte.

Como aos menores a lei não outorga as vantagens e as responsabilidades decorrentes da emancipação filial ou tutellar, pela certeza do máo emprego dos respectivos direitos; assim as nações fracas, de menos que mediana cultura, não devem investir-se de regalias para que não possuem o indispensavel senso e virilidade.

O Brasil estava neste caso, quando lhe despontou a sublime mas antecipada aurora de 15 de Novembro de 1889.

(1) Pinheiro Chagas, *Archivo Pittoresco*, vol. VII.

(2) D. Antonio da Costa, *Instrução Nacional*, pag. 9.

(3) Conselheiro Pereira da Silva, *Conferencias sobre a Historia dos Paizes da America*.

Fizeram-lhe o que tinham feito a D. Pedro II, então de 6 annos de idade, em plena sessão do Parlamento e em presença do monarcha, seu pae, que indignado protestava: «Não póde, não póde; ainda é muito criança!»

E' que os factos se repetem na Historia ainda que a sua precipitação dê em consequencia epilogos desastrosos.

A maior idade de que nos achamos investidos e cuja manutenção devemos assegurar, custe o que custar, veio-nos como as manhãs de verão nos tropicos, attendendo que ainda hoje a grande população brasileira contem cerca de 60 % de analphabetos.

E assim, não passamos o periodo dos transe dolorosos, embora tenhamos algo avançado neste vinte ultimos annos, embora possamos nos ufanar de uma legislação sabia na sua essencia, porém difficilmente exequivel.

Na feitura das nossas leis pouco temos a invejar d'outros povos mais adiantados; quanto á observancia e respeito que a ellas devemos, occupamos um dos derradeiros logares; simplesmente porque nos falta a cultura, a educação do civismo, que é a alma das nações fortes.

Esperamos dos Codigos o que estes deviam esperar de nós.

«Les lois, diz o autor de *Psychologie de l'Education*, sont efficaces lorsqu'elle expriment la mentalité d'un pays, mais elles ne la créent jamais.» (1)

As estatisticas officiaes demonstram que occupamos logar subalternô na escala do progresso americano, em se tratando do ensino publico, emquanto que a Argentina surge em brilhante destaque, conforme nos diz Victor Vianna, num criterioso estudo ha pouco edictado na cidade do Rio de Janeiro. (2)

Está calculado que 87 % da população juvenil brasileira não frequentam escolas publicas ou particulares. Cerca de 3.365.461 crianças estão privadas dos largos beneficios da instrucção elementar e quiçá da educação civica.

La Nacion, de Buenos-Ayres, lamenta que a patria de Sarmiento ainda tenha analphabetismo a combater; nós nos

(1) Gustavo Le Bon, *La Psychologie Politique et la Defense social*, pag. 117.

(2) *Jornal do Commercio*, do Rio, de Junho de 1912.

jactamos do pouco que sabemos, sem repararmos a nossa posição á rectaguarda.

«A nossa indiferença pelo ensino popular, diz o citado escriptor, tem sido como se vê de resultados tremendos.

O povo que, na America do Sul já teve a mais solida cultura, que attrahia estudantes do Prata e do Pacifico, foi pouco e pouco esquecendo os seus deveres primordiaes, e hoje não podemos mais confrontar sem vergonha as nossas estatisticas escolares com as dos paizes que já foram nossos tributarios em cultura e civilisação».

E conclue: «Ora, essa situação deprimente não póde continuar:—um paiz sem instrucção é um paiz exposto a todas as fraquezas economicas e a todas as condescendencias politicas. Precisamos reagir; precisamos fazer da guerra ao analphabetismo uma cruzada nacional».

Entre os paizes latinos a nossa posição é mais humilhante ainda: a França apresenta-se com 14 % de frequencia; apparece depois a Argentina com 10 %; e, seguidamente: a Italia com 8 %; a Hespanha com 7,30 %; o Uruguay com 6,60; o Equador com 6,40; Honduras com 4,8; Brasil 4 apenas.

E' triste realmente confessar tão dura verdade!

A mudez dos algarismos tem comtudo a eloquencia de nos persuadir que o ensino aqui, neste grande paiz cujas riquezas naturaes entufam mollemente a nossa vaidade, está apenas a penetrar nos arraiaes onde a civilisação mundial terá mais tarde um dos seus portentosos cenaculos.

A questão suprema é o combate á ignorancia, arrancando milhões de seres ás trevas que embotam a alma nacional. E como expressão ultima dessa cruzada de luz estão a criança e a escola, e como consequencia final— a civilisação, a felicidade...

E' preciso exclamar como o desterrado de Jersey: «A criança é o futuro. Abramos escolas por todas as partes».

Não é homem o que não tem a luz intima que a instrucção dá; é uma cabeça do grande rebanho, sem acção, que o dono guia, ora para a pastagem, ora para o matadouro. O que resiste á escravidão na creatura humana não é a materia; é a intelligencia. Começa a liberdade onde acaba a ignorancia.» (1)

(1) Carta de Victor Hugo ao presidente da Commissão de Instrucção Publica reunida em Bruxellas em 1862.

Alem disso, é necessario que os nossos patricios se convençam que a supremacia politica de um paiz não está na largueza dos seus latifundios, na porção aproveitavel de suas terras, mas na cultura esmerada do seu povo, na organisação methodica do trabalho nacional, no exercicio dos bons costumes, no respeito ás instituições e tudo o mais que seja o expoente da ordem, base do progresso.

Convençamo-nos que não somos senhores de uma grande nação, mas simplesmente habitantes de uma nação grande que maior respeito não merece que as nações pequenas, mas adiantadas. A Russia e China não são, na ordem da importancia politica, as primeiras do mundo, porque, lá, á instrução constitue um privilegio dos nobres, emquanto que a massa popular é a besta de carga, é a eterna criança que não sabe se aperceber das conquistas que o Direito tem outorgado aos homens para o levantamento moral e intellectual da sociedade de hoje.

Só a instrucção nivella os homens e as nações, pela democratisação do ensino publico, fazendo desapparecer os preconceitos da opulencia territorial.

«Quando os imperios grandes perguntarem aos povos pequenos pela extensão do seu territorio e pela influencia do seu poder, os povos pequenos ganharão a causa respondendo com a grandeza das suas instituições e com a preponderancia do seu poder moral», exclama D. Antonio da Costa.

Não é exagero dizer que a Suissa, tão adiantada que é, está nos casos de dar esmagadora resposta, attendendo que a sua população já attingiu á meta do verdadeiro progresso. A colligação de ideaes e de sentimentos fizeram da Helvetia uma grande patria credora da nossa mais viva admiração.

Foi das suas escolas que saiu o segredo dessa politica de harmonia e felicidade incomparaveis.

A Belgica é tambem digna de menção.

Nós, os brasileiros, porém, queremos d'um salto chegar ás culminancias do Himalaya, sem repararmos que ainda possuimos pernas fracas e azas implumes.

Abusamos da liberdade de um regimen de largueza e ainda nos queixamos da falta de liberdade !

E tinha razão Daguet quando affirmava: «La democratie, sans les lumières, c'est un fleux».

Temos que acrescentar: enquanto não bruxuleia intensamente para um povo o arrebol da civilização, o suffragio dos votos será apenas uma ficção aproveitavel aos mais amparrados na lucta dos partidos, tal como acontece no Brasil onde as eleições constituem já o phenomeno politico mais caricato que jámais se viu.

E tudo por falta de instrucção e de vontade educada!

Não sabemos querer para termos a força de convicção propria. E tudo por deficiencia de ensino, mesmo entre as classes que se jactam de cultura.

«Um povo de analphabetos, continúa o sr. Vianna, estará sempre exposto a todas as aventuras, a todas as olygarchias e dictaduras e a todas as fraquezas e subserviencias economicas. Enquanto todas as leviandades dos que mandam se garantam com a passividade indifferente e bestial da grande massa, não poderemos ter a democracia que a Constituição nos prometteu.

Por isso, todos os espiritos illustrados deste paiz devem estar empenhados na guerra ao analphetismo, que é, de facto, o nosso maior mal». (1)

Nos regimens livres e de organização democratica a instrucção deve ser a base da estabilidade social, fonte da convergencia dos interesses publicos. Desde que não exista convenientemente completa, o perigo sobrevirá com os seus horrores de desorganização.

«Dae o suffragio a um povo ignorante, pondera Emilio de Leveleye, e elle cairá hoje na arnachia, amanhã no despotismo. Um povo esclarecido, pelo contrario, será um povo livre e saberá conservar a sua liberdade fazendo um bom uso della». (2)

As nossas energias, porém, vão se gastando na esterilidade das contendadas e a causa do ensino permanece pouco melhor do que na occasião em que Buckle visitou e estudou as condições da nossa cultura, depois de conhecer e proclamar a profusão das riquezas naturaes do nosso paiz.

«Taes são, diz elle no seu pessimismo rude e exagerado, a effusão e a abundancia vitaes que distinguem o Brasil entre

(1) *Jornal do Commercio* do Rio, de 23 de Outubro de 1912.

(2) Juliano Moreira, Conferencia sobre o progresso das sciencias no Brazil.

todos os paizes do mundo. Mas em meio dessa pompa, desse esplendor da natureza, não ha logar para o homem. Este é reduzido á insignificancia pela magestade que o cerca...». (1)

O historiador inglez referiu-se ao atrazo que notou entre os habitantes da terra do Cruzeiro, chgando a affirmar que a civilisação existente no littoral era devida a interferencia de povos estrangeiros.

Tanto, não é verdade, sobretudo hoje em que o nosso avanço já se faz sentir na Europa, não obstante a grande massa da população brasileira (cerca de 60 0/0 disse eu) ser ainda inculta, ignara.

Não estamos todavia em meio da jornada. As competencias não vão além de 15 0/0, mesmo no seio das capitaes, centro de maior progresso.

E a prova inegavel deste asserto é a raridade dos candidatos aos concursos para cargos em que se exige preparo intellectual, em quanto que para outros, de livre provimento, os concurrentes pollulam aos milhares munidos de suas carti-nhas de recommendação...

A proposito, senhores, occorre-me a seguinte auecdota, que é o reflexo desse estado de cousas de que venho fallando: Um individuo, como tantos que boulevardeam nas grandes cidades, era pretendente a um emprego que exigia, do respectivo serventuario, regular preparo em determinado assumpto.

Vae e communica a sua pretensão a um intimo, que lhe pondera acertadamente: esse cargo meu caro, pede competencia, conhecimentos especiaes...

E logo lhe foi retorquido: Não te incommodes, meu amigo; conheço dois homens influentes na politica... e é quanto me basta.

Se isto, seuhores, não trahe, não positiva um estado de falsa cultura, em que apenas sobresaem a inconsciencia e o arrojo, então Emilio Faguet não tinha razão ao escrever o seu admiravel livro, o *Culto da incompetencia!*

Ninguém negará realmente que o estado do ensino e o da sociedade são factos correlativos, são phenomenos que se refletem; bem assim que o poder e o bem estar de uma nação augmentam na razão das suas luzes.

(1) *L'Instruction du Peuple*, pag. 6, cit. por D. A. da Costa.

Homem algum de bom senso dirá agora como Richelieu no seu *Testamento Politico*:

«Assim como um corpo que tivesse olhos por toda a parte seria monstruoso, um Estado cujos subditos fossem todos instruidos tambem o seria; nelle ver-se-ia tanto menos obediencia quanto seriam mais communs o orgulho e a pretenção».

Não tinha razão o famoso cardeal; os intuitos de hoje são exactamente oppostos, pois só o ensino divulgado é que pode gerar a igualdade e o respeito mutuo, que são a essencia das melhores theorias socialistas.

E' ponto incontroverso que o homem vale pelo que sabe. A intelligencia que inventa, auxilia o braço que executa; o entendimento que discerne, escolhe melhor os caminhos do triumpho.

Já ninguém contestará que a genese da prosperidade está nas escolas primarias, factor da bôa direcção que o espirito juvenil recebe antes da chamada «lucta pela vida».

Se ainda posso evocar exemplos, lembrarei o Japão e a Allemanha, sobretudo este ultimo, que bem deve ser tomado como prova de quanto pode o ensino diffundido por todas as classes. De vinte annos ao presente o combate ao analphabetismo foi alli tamanho que hoje o grande imperio contém, sobre 10.000 individuos que sabem ler e escrever correctamente, apenas 4 privados dos proveitos do ensino primario. E' uma porcentagem insignificante no seio de um povo de 66 milhões de almas.

Já ao tempo da guerra franco-prussiana a patria de George Sand valia o que nós, os brasileiros, não valemos hoje.

A victoria dos allemães proveio da melhor cultura e disciplina dos seus soldados, sobre a dos francezes, tanto assim que, após o desastre da guerra, em França se dizia por toda a parte: «Le vainquer de Sedan, c'est le maitre d'école allemand». (1)

Para que ir mais longe, senhores, nestas considerações sobre as vantagens do ensino popular? Para que insistir na evidencia da inferioridade do nosso nivel de civilisação, apesar dos predicados de intelligencia e atilamento que nos tornam uma raça distincta?

(1) Ed. Demolins, *L'Education Nouvelle*, pag. 359.

Fiquemos por aqui, nesta ordem de idéas.

Tolerai-me que antes de rematar estes conceitos vos diga: não é sómente a falta de ensino que campeia no Brazil; ha tambem outra cousa que nos falta: a educação da vontade, tendo como consequencia a disciplina do querer e a força dominadora sobre as nossas tendencias más.

Gostamos de confiar no fatalismo da sorte e deixamos ao acaso o destino da nossa vida e dos nossos bens. Não deve ser assim. Para antepor ao vicio, ao desanimo, ao indifferentismo, não temos as virtudes que enobrecem, a coragem que alenta, a resolução que decide?

Tudo depende de fortalecer o espirito nas graças de uma educação convenientemente remodelada, de accordo com a epoca em que vivemos.

«A transformação rapida das condições da vida moderna, diz o sr. Lietz — professor da escola de Abbotsholme, em Inglaterra — exige uma educação nova que lhe corresponda. . . ».

Não é reformado constantemente as leis que conseguiremos a ascendencia que almejamos.

Se o character reflecte as acções humanas, porque é delle que vêm os impulsos intimos, então carece de alguma cousa que lhe evite a volubidade, a indecisão.

Só a educação da vontade pode operar, pouco a pouco, a transformação desejada, até que as condições da sociedade adquiram a firmeza precisa. E esta, manifesta-se por varios modos.

No Brazil, por exemplo, ha a mania das reformas administrativas; no emtanto não nos lembramos de reformar os nossos anarchisados costumes politicos.

As mais bellas instituições da democracia, como o jury e o suffragio popular, não obtem de nós sympathia, senão o indifferentismo provado peio abandono em que se acham.

Cumprimos a mór parte dos nossos deveres civicos quasi coagidamente pelas multas ou para nos tornar agradaveis ao prestigio de algum amigo situacionista ou na espectativa da ascensão.

A educação popular é, de certo, defeituosa no Brazil. Resente-se das anomalias de origem e da ausencia e de ensino moral, de que não são tão culpados os governos dos quaes tudo esperamos, mas os paes de familias que não curam da cultura dos seus filhinhos.

A escola é apenas um prolongamento do lar; sua acção sobre o futuro da criança é grande, mas não é decisiva. A influencia materna vale muito, e o que adquirimos na infancia jámais esquecemos.

Napoleão confessa que devia a sua disciplina de character aos ensinamentos de sua mãe. E se todas estivessem á altura do desempenho deste mister sagrado, facil seria a modificação radical dos máos habitos e costumes de um povo, tal como pensou um grande escriptor francez.

Não se comprehende que o problema da educação tenha outros intuitos, pois que elle procura «a melhoria da população pelo augmento da saúde e maior extenção da vida de cada um, pelo accessimo de trabalho nacional com o mesmo numero de braços, e é a moralidade mais vasta pelo mais largo desenvolvimento da intelligencia de todos». (1)

De facto, senhores, ao passo que augmentam as relações de cortezia e affecto, as praticas de generosidade e altruismo entre os homens, diminue o coeficiente dos crimes e do pauperismo.

A educação tem que nos fazer voluntariosos, sem as maneiras da vaidade, como se todos os movimentos fossem automatismos do nosso querer desinteressado.

Foi comprehendendo este fim da cultura intima que o citado Gustavo Le Bon define: *l'education est l'art de faire passer le conscient dans l'inconscient* (2), definição que é applaudida por Alfredo Binet no seu valoroso livro *Les Idées modernes sur les enfants* (pag. 103).

Não infiram, os puristas das velhas theorias, que a creatura racional, pelo effeito de uma educação esmerada, que a eleva sobre os instinctos da animalidade inconsciente, se reduza a uma simples machina de movimentos isochronos, como aquelle moinho de café de que nos falla o sr. Max Nordau. Não é precisamente este o alvo da educação moderna, mas o de afastar desses movimentos a affectação industriosa do agrado, da brandura, do affecto e até da sinceridade, permittindo a cada manifestação do nosso sentir a espontaneidade dos actos que lhe correspondam.

(1) D. Antonio da Costa, *L'Instruction du Peuple*, pag. 123.

(2) Le Bon, *La Psychologie Politique et la Defense social*, pag. 116.

Mister se faz que os individuos se disponham a um pequeno esforço sobre si mesmos ou se preocupem com o melhor meio de acertar até que cheguem a exercer os seus hábitos como se agissem automaticamente, impellidos pelo desejo de vencer as rebeldias de sua natureza ou os defeitos de uma educação mal dirigida.

Ao dominio da vontade o progresso deve mais que ao esforço da intelligencia, em se tratando sobre tudo das pequenas cousas que a paciencia perseverante consegue realizar.

E por isso tinha razão Jules Payot, quando disse «o genio é antes de tudo uma longa paciencia: os trabalhos scientificos e litterarios que mais honram o espirito humano não são de modo algum devidos a superioridade da intelligencia, como em geral se acredita, mas á supremacia de uma vontade admiravelmente senhora de si». (1) E' do que nós carecemos ainda, senhores, mesmo entre os homens de competencia e responsabilidade, para não assistirmos o baralhar das nossas leis, o barateamento do regimen republicano, a postergação dos destinos politicos do Brasil e tudo o mais que nos faz descer a escada do descredito aos olhos dos nossos visinhos do Prata, que dia a dia progridem, se elevam e nos ameaçam tirar a homogenia da America do Sul.

Não, senhores. E' preciso reagir com o denodo de um espartano, á vista do quadro que acabo de vos expôr.

Temos ensino insufficiente e educação incompleta.

O que ides ver, nos mostruarios deste certamen é pouquissimo em relação ao que deveria ser.

Ao Amazonas cumpre fazer por si o que estiver no seu entranhado patriotismo, para que outro Buckler não venha repetir que, aqui, no seio desta natureza portentosa, não ha lugar para o *homo sapiens*.

Appello para a dedicação dos meus collegas de magisterio e para as mães de familia, factores que podem ser da regeneração nacional.

Não volvamos os olhos para o Governo; elle, somos nós agora.

E demais é conveniente ter em conta a verdade proclamada por Hippeau: «No Novo Mundo, a instrucção publica

(1) *A Educação da Vontade*, pag. 214.

tira ao orçamento da guerra o que no velho mundo o orçamento da guerra tira á instrucção publica» (1).

Continuemos, illustres collegas, a maior, a mais santa a mais patriótica de todas as pugnas: o levantamento moral e intellectual de milhões de patricios nossos, por cujos espiritos a civilisação ainda não repartiu os fulcros de sua luz vificante.

Vide que o rei dos rios, na sua eterna lucta com o Oceano, que sempre acaba vencido, é o symbolo da energia cultural que deve ter o homem do Norte, o modesto habitante do Amazonas.

Vide ainda que «São Paulo é um grande Estado; a sua grandeza augmenta na realidade pedagogica de suas escolas publicas, no florecimento da infancia, que recebe do seu governo honesto e patriota a sagração que immortalisa e torna um povo livre e soberano». (2)

*
* *

Terminando, senhores, estes apagados conceitos sobre o ensino, agora que assistimos a uma festa de sua consagração — a abertura do nosso pequeno certamen escolar — simples tentativa de empreendimentos maiores e mais perfeitos, permitti, repito, que vos recorde um rasgo de acendrado patriotismo e philanthropia de Matheus Vassar, opulento industrial dos Estados Unidos do Norte. Foi pelos annos de 1861 que o rico cervejeiro de New-York resolveu dotar a sua cidade natal com uma casa de ensino modelo para o que longamente meditou e pediu, sobre o assumpto, o conselho dos competentes. No dia da inauguração dos cursos, Matheus Vassar, em pessoa, apresenta-se á selecta assistencia e profere um singelo discurso repassado de fragrante sinceridade. Durante a sua peroração o philanthropo trazia a dextra sobre uma pequena caixa, que tinha a seu lado, facto que bastante inquietou a curiosidade dos circumstantes.

Ao terminar as suas ultimas palavras declara: Aqui estão

(1) *A Instrucção nos Estados Unidos* pag. 27.

(2) Cincinato Franca, *Jornal de Noticias*, da Bahia, de 29 de Novembro de 1912.

500.000 dollars para serem applicados na manutenção destes cursos. Como Matheus Vassar, senhores, eu devo trazer a dextra sobre o coração — cofre de minha sinceridade e penhor do meu affecto -- para agradecer primeiramente aos meus esforçados collegas do magisterio e aos dignos directores de estabelecimentos particulares de ensino o terem correspondido, com alta e deferenciosa gentileza, o appello para a realisação deste certamem que será, decerto, o inicio de outros mais interessantes; depois, o meu agradecimento é a todos vós que viestes trazer a esta festa do ensino o encanto de vossas presenças, com o que declaro aberta a Exposição Escolar de 1912.

Tenho dito.





AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com